



A QUIETA ELVIRA

Elvira chega ao trabalho antes do sol raiar. Anda encolhida, como se vivesse em constante medo. As sacolas presas em seus braços entortam levemente sua coluna. Coloca seus pertences em um pequeno armário no fundo da loja e põe uma camisa limpa.

Passa horas ouvindo apenas o barulho da vassoura se arrastando no liso chão de porcelanato, até escutar uma voz humana. “Bom dia”, diz seu patrão. Elvira responde: “Igualmente”. Ele passa por ela, mas nem a olha nos olhos, preocupado demais com seus problemas de gente importante.

Sai para seu segundo emprego depois do almoço. Come sozinha sua marmita em um banco ensolarado. Chega a uma chique residência do outro lado da cidade. Varria, passava, lavava e fazia muito mais, enquanto tentava evitar a peste do filho de sua patroa, sem sucesso.

Onde uma vez esteve o sol, agora há só escuridão; e naquela mulher, onde já se habitou uma alma, agora há apenas um corpo vagando, cheio de aflição. No ônibus, senta-se ao lado de uma garota que deveria ter um quinto de sua idade. Elvira tenta passar os dias com a cabeça vazia, sem pensamentos profundos. A reflexão só trazia dores para a senhora, dores profundas demais que se estendiam por todo seu corpo.

Ela olha para a garota, cheia de sonhos. As pessoas costumam pensar que Elvira sempre foi assim, mas é claro que ela também já teve seus sonhos e anseios. Aspirava ser atriz. Via Vera Fischer na televisão, muito antes de suas rugas começarem a aparecer, e pensava que assim seria um dia, uma estrela. Por que a vida tinha de ser tão dura com ela?

Sentindo o aroma da juventude, Elvira questiona-se como seria se sua vida tivesse sido diferente. Rapidamente, esses pensamentos foram embora, pois ela lembrou — lembrou o quanto tentou transformar sua vida em algo melhor. Ela queria tanto que as coisas fossem diferentes, pena que esse não era o plano de Deus.

Isabela Coelho de Lima Costa

1º ano / CLEU/ Balneário Camboriú

2024